

A Potência Testemunhal do Corpo de Ney Matogrosso e a Visibilidade de Corporalidades *Queer* em Narrativas Biográficas ¹

Carlos Augusto Pereira dos SANTOS JÚNIOR ²
Universidade Federal Fluminense, UFF

RESUMO

A pesquisa examina como a representação midiática dos corpos *queer*, como no caso da escrita biográfica sobre Ney Matogrosso pelo jornalista Julio Maria, influencia e reflete padrões de sexualidade na mídia. Utilizando-se da análise de narrativa (RESENDE, 2012) e conceitos da teoria queer (BUTLER, 2017), além de operadores de testemunhos midiáticos (MAIA, 2023; FROSH, 2014), este trabalho tensiona o processo de narrativa biográfica no jornalismo. Os resultados destacam a persistência de binarismos de gênero sobre o biografado, Ney Matogrosso, e a necessidade de abordagens inclusivas na produção de biografias.

PALAVRAS-CHAVE

Biografias jornalísticas; Narrativas; Testemunho; Gênero; Teoria Queer.

1. INTRODUÇÃO E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Em meio às escolhas jornalísticas que favorecem corpos em conformidade com a cisheteronormatividade em suas narrativas, desde o jornalismo de referência diário até as produções de longa elaboração, surgem questionamentos que nos levam a refletir sobre a potência testemunhal dos corpos *queer* em narrativas biográficas (MAIA, BARRETOS, 2023). Tais vezes, essa questão se torna subversiva, uma vez que desestabiliza o modo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Jornalismo literário, livro reportagem e a produção de narrativas biográficas”, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Doutorando em Comunicação no PPGCOM/UFF. Mestre pelo PPGCOM da Universidade Federal de Ouro Preto, com mestrado sanduíche financiado pelo (NSP) Nacional Scholarship Program na Josef Pavol Šafárik University in Kosice, na Eslováquia. Analista de comunicação da SBPJOR (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo) e integrante do Grupo de Pesquisa, Estudos e Extensão “Ponto”, com pesquisadores da UFOP e da UNB. Jornalista pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: augustojunior@id.uff.br, [Currículo Lattes](#) e [Orcid](#).

É importante destacar que este resumo expandido deriva da dissertação de mestrado do autor, defendida em 19 de fevereiro de 2024, sob a orientação da professora Marta Regina Maia, doutora em Comunicação pela USP.

como a mídia conceitua e perpetua, ao longo dos séculos, sua noção de normalidade e marginalidade (CONNELL, 1995, TRANQUINA 2001; MEDINA, 2003), especialmente quando se trata de corpos que desafiam categorias sexuais estabelecidas socialmente.

Nesta perspectiva, ao expandir os horizontes dos modos convencionais de narrar histórias de vida, a pauta jornalística na escrita biográfica seria capaz de transcender os limites do jornalismo de referência (MAIA, 2023). Do mesmo modo, para Moraes (2022), é cada vez mais urgente a necessidade de questionar a ideia de que a reportagem é o ápice do jornalismo, relegando às notícias do cotidiano a um papel menos importante. A autora (2022) argumenta que são justamente as notícias diárias que afetam o sujeito de forma mais constante, ao configurar seus imaginários, discursos e conhecimentos. A pauta, neste caso, que confere forma ao conteúdo jornalístico, deveria ser encarada, segundo a autora (2022), como uma "arma de combate", capaz de confrontar a desumanização perpetuada pela mídia. Em outras palavras, a questão que surge desse contexto vem de um espaço estimado pelo jornalismo de referência, vinculado à ideia de objetividade, e, quase sempre, avesso às subjetividades que advenham do jornalista, da fonte ou do próprio texto jornalístico (VEIGA DA SILVA, MORAES, 2019).

A partir dessas reflexões, surge, então, a questão central desse trabalho: nas circunstâncias em que os corpos *queer* são incorporados às narrativas midiáticas, utilizando o corpo como um *locus* testemunhal, quais os possíveis significados enunciativos e de tensionamento que tais corpos podem conferir à escrita jornalística, especialmente quando ocupam espaço privilegiado em biografias jornalísticas?

Essa indagação premente, em alguma medida, lança luz sobre os intrincados discursos que permeiam um sistema midiático profundamente influenciado pela valorização às vidas que se ajustam aos padrões de sexualidade (VEIGA DA SILVA, MORAES, 2019), forjados no meio social e cultural, elevando-a ao status de norma e, conseqüentemente, privilegiando-a – como é o caso da representação constante do homem ou mulher hétero, branco ou branca, de classe média à alta, na televisão, nas revistas, nos jornais impressos, dentre outros.

Ao passo em que relega aos corpos dissidentes, uma condição de vulnerabilização, invisibilidade e, por vezes, de esquecimento das vivências dissidentes. Nesse sentido, esta pesquisa busca investigar a potência testemunhal do corpo performático de Ney Matogrosso e sua contribuição para a visibilidade de corpos *queer* em narrativas

biográficas produzidas pelo jornalista Julio Maria. Resultado de cinco anos e quase duzentas entrevistas, a biografia lançada em 2021, quando o cantor completou 80 anos de vida, desvenda a trajetória de uma das personalidades artísticas mais marcantes do Brasil.

2. METODOLOGIA: O TESTEMUNHO COMO OPERADOR

O percurso metodológico proposto por este trabalho atravessa, primordialmente, a análise narrativa (RESENDE, 2012), os conceitos de testemunho midiático (SELIGMANN-SILVA, 2008; FROSH, 2014; PERES, 2016) e da teoria queer (BUTLER, 2017), visando compreender a relação discursiva desse corpo *queer* na produção biográfica. O objeto principal da análise será a biografia de Ney Matogrosso e determinados fragmentos narrativos sobre o corpo na biografia em questão.

Para tal, é imprescindível a adoção de um protocolo metodológico capaz de nos dar pistas acerca da interação do testemunho com a representação do corpo biografado e midiático em biografias. Além de fundamentarmos nossa abordagem na Análise de Narrativa (RESENDE, 2012), o protocolo analítico utiliza-se de três operadores delineados por Frosh e Pinchevski (2009), cujo argumento sugere que o testemunho se manifesta midiaticamente "na, pela e através da mídia".

Conforme Maia e Barretos (2022) explicam, os três operadores analíticos indicados pelos autores (2009) referem-se à discussão sobre o "aparecimento de testemunhas em reportagens da mídia, a possibilidade de a mídia testemunhar e o posicionamento do público da mídia como testemunhas dos eventos narrados" (MAIA, BARRETOS, 2022, p. 76). No entanto, neste artigo, optamos por abdicar do terceiro operador "através da mídia" e continuar apenas com os dois operadores do testemunho "na" e "pela mídia", considerando-os como eixos operativos e adaptando-os para compreender o corpo *queer* nessa representação midiática.

3. RESULTADOS E CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

A entrevista de Ney Matogrosso no programa "The Noite"³, conduzido por Danilo

³ A entrevista pode ser acessada na íntegra no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OlkG-fTRLgg&t=997s>>. Acesso em: 02 fev. 2024.

Gentili, revela a resistência do biografado às categorizações simplistas da mídia sobre sua sexualidade. Isso se reflete na busca por esclarecimentos sobre esse tema em sua biografia, escrita pelo jornalista Júlio Maria, também crítico de música brasileiro. A narrativa expõe a luta de Ney contra estigmas e preconceitos, como evidenciado por uma carta ameaçadora de um advogado na década de 70. O relato contra Ney na mídia torna-o um testemunho marcado pelo trauma, buscando confrontar a invisibilidade e o estigma (FROSH, PINCHEVSKI, 2014; PERES, 2016). Além disso, a narrativa biográfica de Júlio também destaca como a mídia tratava o cantor durante a ditadura militar, incluindo trechos sobre ataques de figuras como Chacrinha à sexualidade e ao corpo de Ney:

Chacrinha pedia aos militares que cuidassem de Ney com a devida intolerância dos tempos. Para ele, o artista “deveria ser proibido pela censura e pelo juizado de menores” porque era “rebolativo, erótico e muito do bichânico”. Enfim, um ser “mais comprometedor [e] mais erótico do que qualquer travesti”. Uma saraivada de nove notas em dias quase seguidos publicadas no jornal O Fluminense, na coluna “Chacrinha se comunica”, queria colocar Ney e os Secos & Molhados na mira das armas. A nota “Estranho privilégio! Secos & Molhados podem tirar a roupa!” indignava-se com o fato de Ney não ser censurado pela mesma moralidade que se impunha contra as chacetes e as passistas das escolas de samba (MARIA, 2021, p. 179).

Nesse sentido, a narrativa biográfica de Julio Maria sobre Ney Matogrosso destaca como o corpo do artista desafia normas de gênero e sexualidade desde a infância, confrontando imposições de masculinidade heterossexual. No entanto, a narrativa biográfica ainda tende a enquadrar Ney em uma dualidade sexual, reproduzindo estigmas e preconceitos (BUTLER, 2017). Embora a biografia revele a fluidez e complexidade da sexualidade do cantor, também ressalta o risco de reduzi-lo a rótulos predefinidos, uma vez o corpo *queer* de Ney Matogrosso desafia padrões estabelecidos, demandando uma abordagem mais empática e performática por parte do biógrafo (ARFUCH, 2010). Por outro lado, Julio Maria reconhece a influência de Ney na cultura brasileira, especialmente por meio do grupo Secos&Molhados, mas a pesquisa sugere que a biografia poderia explorar mais profundamente o contexto político e social da luta LGBTQIAP+ (MAIA, FERNANDES, 2023). Ney, por sua vez, rejeita categorizações e se posiciona como uma bandeira de diversidade e aceitação (PRECIADO, 2004).

Para além disso, a escrita de biografias sobre corpos *queer* como o de Ney Matogrosso requer uma linguagem jornalística que subverta padrões estabelecidos e celebre a diversidade de experiências e identidades. Ao desafiar concepções deterministas

sobre identidade e corpo, essas biografias contribuem para a desconstrução de normas sociais e para uma maior representatividade na mídia e na sociedade. De certo modo, ao incorporar o corpo de Ney Matogrosso como elemento central de sua narrativa biográfica, o jornalista faz escolhas que se destacam na leitura e análise do livro. Logo no primeiro capítulo, o jornalista retrata o nascimento de Ney em uma região de fronteira do Brasil, em Bela Vista, no Mato Grosso e a série de homofobia sofrida por Ney desde a infância.

A mídia, por óbvio, não opera de maneira muito diferente. No caso específico da biografia em análise, apesar de o biógrafo compartilhar as violências sofridas por Ney, como quando foi desnudado por seu pai aos cinco anos em frente à sua casa para que as pessoas o vissem e zombassem dele, a narrativa ainda tende a enquadrar o corpo de Ney em uma dualidade sexual entre homem e mulher. Apesar de sua estética andrógina, que é reconhecida hoje, o modo narrativo também o retrata como uma criança "diferente" que, na vida adulta, se relacionou tanto com homens quanto com mulheres, sugerindo assim uma bissexualidade que, embora implícita no texto biográfico, é destacada em duas passagens específicas da biografia, apontadas nas entrevistas realizadas com o biógrafo para a dissertação que é cerne deste trabalho (SANTOS JUNIOR, 2024).

Logo, pode-se considerar que o biógrafo Julio Maria, como testemunha da relação entre o biógrafo e o biografado, trouxe uma narrativa capaz de relatar as disrupções de um corpo *queer* e fora dos padrões, exemplificado pela figura de Ney Matogrosso, tendo como base para a narrativa sua profunda admiração pelo grupo *Secos&Molhados*. Sua visão sobre o impacto cultural e social do grupo, especialmente liderado por Ney, foi fundamental para compreender a importância dessas figuras na quebra de paradigmas de gênero e na promoção da diversidade na sociedade brasileira.

Ao destacar a liderança performática de Ney Matogrosso e a abordagem inovadora do grupo, Julio conseguiu se aproximar do modo como esses artistas desafiaram as expectativas tradicionais de masculinidade e exploraram novas formas de expressão artística e política. Dessa forma, a história do biografado tornou-se um espaço testemunhal de uma experiência compartilhada midiaticamente. De todo modo, portanto, mais do que refletir sobre os resultados deste trabalho, espera-se que ele inspire outros escritos acadêmicos e trabalhos que abordem outras corporalidades nos meios midiáticos, incluindo o biográfico, onde as questões de gênero ainda carecem de inclusão e debate.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea** / Leonor Arfuch: tradução, Paloma Vidal. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 370 p. ISBN 978-85-7511-167-3.

BUTLER, J. Vulnerabilidad corporal, coaliciones y política de la calle. **Nômadas**, Colômbia, n. 46, p. 13-29, abril/2017.

CONNEL, R. W. (1995). **Masculinities**. Cambridge: Polity Press.

FROSH, P. **Telling presences: witnessing, mass media, and the imagined lives of strangers**. In: FROSH, P; PINCHEVSKI, A. *Media witnessing: testimony in the age of mass communication*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 49-72.

MAIA, Marta. R.; FERNANDES, Elias. A transparência no processo de produção das biografias Lula e Marighella. **Esferas**, n. 25, p. 160–180, 17 nov. 2022.

MAIA, M. R.; BARRETOS, D. do C. A potência mediadora do testemunho na configuração dos relatos jornalísticos sobre a violência contra mulheres na série Um vírus e duas guerras. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 76–89, 2022. DOI: 10.25200/SLJ.v11.n2.2022.491. Disponível em: <https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/491>. Acesso em: 16 mar. 2024.

MARIA, J. **Ney Matogrosso: a biografia**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MEDINA, C. **A arte de Tecer o Presente, Narrativa e Cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MORAES, F.; VEIGA DA SILVA, M. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: Anais do XXVIII **Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Porto Alegre, 2019.

PERES, A. C. **O que resta dos fatos: testemunho e guinada afetiva no jornalismo**. Tese — Universidade Federal Fluminense: Niterói. 2016, p. 182. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/16601>>. Acesso: 20 mai. 2023.

PRECIADO, PAUL B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**, São Paulo: N 1, Edições, 2004.

RESENDE, F. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: GISLENE, Silva et al (Org.). **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador, 2012.

SANTOS JÚNIOR, C. A. **Memória e corpo na biografia de Ney Matogrosso: espaço público e privado no jornalismo de teor testemunhal**. 2024. 107 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.